

VISÃO DE CAMPONESES JOVENS E ADULTOS NÃO ALFABETIZADOS SOBRE APRENDIZAGEM NO CONTEXTO ESCOLAR

SÁ, Maria Reneude – PUC/SP¹ – marensa@ig.com.br

RESUMO

A aprendizagem no contexto escolar, para camponeses entrevistados em pesquisa sobre conhecimento letrado e escolarização, é um processo muito difícil e doloroso, quase impossível de se concretizar. A análise dos depoimentos, apoiada no pensamento de Freire e Gramsci, mostra que um dos fatores decisivos na construção dessa representação encontra-se em práticas escolares predominantemente tradicionais e conservadoras. Essas práticas, ao desconsiderarem que o estudo é um trabalho e que exige uma disciplina intelectual própria, contribuem para o insucesso escolar das camadas populares, levando-as a atribuir a não aprendizagem a si próprias, por uma suposta incapacidade cognitiva.

Palavras-chave: educação rural; educação de jovens e adultos; alfabetização, sucesso/ insucesso escolar das camadas populares.

ABSTRACT

The learning in the school context, for the peasants interviewed on research about literate knowledge and literacy, it is a very hard and painful process, almost impossible to do. The analysis of the speeches, supporting on Freire and Gramsci, shows that one of the decisive factors in the construction of this thought can be found, specially, in traditional and old school practices. These practices, which disregard that the study is a work and demand an own intellectual discipline, contribute to school unsuccessful of popular classes. They also lead these people to lay the blame of non-learning to themselves, because a supposed cognitive incapacity.

Keywords: country education; adult and young people education; literacy, success/unsucess school of popular class.

Introdução

Este trabalho originou-se da dissertação de mestrado intitulada *Conhecimento letrado e escolarização: a visão de camponeses assentados da reforma agrária em Alagoas* (SÁ, 2002).

Na pesquisa, adotamos uma abordagem qualitativa, utilizando entrevista semi-estruturada² para obter o depoimento dos camponeses sobre as razões que os levam a buscar insistentemente a escola, entretanto, quando conseguem acesso, a maioria a abandona, mas não desiste de novas buscas.

Neste artigo, desenvolvemos um esforço reflexivo de análise, procurando nos apoiar no pensamento pedagógico de Paulo Freire e de Gramsci, para compreender porque os camponeses vêm a aprendizagem como um processo muito difícil e doloroso. Situando o problema, iniciamos

¹ Doutoranda do Programa de Estudos Pós-graduados em Educação: Currículo.

² A pesquisa de campo foi realizada em onze assentamentos rurais, de seis municípios de Alagoas. Foram entrevistados 16 camponeses na faixa etária de 15 a 60 anos, egressos de classes de alfabetização do Pronera).

pela análise da insistência dos camponeses para ter acesso à escola, acompanhada do seu abandono.

O PENSAMENTO DOS CAMPONESES

Insistência na desistência

Os depoimentos mostram que os camponeses entrevistados³ têm uma visão construída sobre a escola: fazem distinção entre saberes da vida cotidiana e conhecimentos formais, emitem opiniões sobre os processos pedagógicos, porém, aparentam limitar a função da escola ao ensino da leitura e da escrita.

A ênfase nessas habilidades deve-se, provavelmente, à condição de “adultos analfabetos”, com condições de vida muito precárias, marcados por tentativas frustradas de alfabetizarem-se, a maioria desde a infância:

Antônio (58 anos) revela:

A minha escola foram pouca (...). Sempre as aula era meia longe e meus pais sempre cuidava mais que eu ficasse com eles na roça. Meus estudo foram pouco (...). Eu não saí da carta de ABC. Eu num sei nem como ainda aprendi a assinar meu nome.

A suposição acima vai se confirmando em outros depoimentos, que expressam a insistência dos camponeses em continuar *tentando estudar*, apesar das experiências escolares episódicas, fragmentadas, desenvolvidas em locais improvisados, com professores com baixa escolaridade e sem a formação mínima, exigida legalmente, para a docência.

A passagem por essas experiências comumente marcadas, na infância por castigos e punições e, na idade adulta por constrangimentos morais, deixa nos adultos a frustração por não haverem aprendido a ler e escreve, como desejavam e esperavam.

Estudos indicam que a insistência em “aprender a ler e escrever” é uma característica de adultos não alfabetizados vivendo em sociedades letradas. Decorre das necessidades desses conhecimentos, requeridos pelo contexto social onde vivem. (Oliveira, 1992; Ribeiro, 1999; Tfouni, 1988).

Os camponeses entrevistados vivem em contato permanente com a cultura letrada, moram no entorno de um complexo agroindustrial sucro-alcooleiro, marcado pelo desenvolvimento tecnológico de suas forças produtivas. (Whitaker, 1992.)

³ Os camponeses foram identificados por nomes fictícios.

Nesse contexto, a insistência dos camponeses em “aprender a ler e escrever” deve-se, também, ao sentido que a alfabetização tem para jovens e adultos, na busca de garantirem uma imagem positiva de si próprios, com a supressão do analfabetismo (Carvalho, 1997).

Na análise das causas do “abandono” da escola pelos entrevistados, observou-se que a maioria faz referências a dificuldades decorrentes das condições precárias de vida, porém suas representações são contraditórias, prevalecendo, nas explicações, suas condições pessoais.

Norberto (31 anos), justificando sua procura recente por uma classe de alfabetização, diz se arrepender de não ter estudado na infância e, mesmo citando a falta de oportunidade de estudo no campo, atribui aos pais parcela da *culpa* mas, em seguida, transfere-a para si próprio:

Eu procurei essa classe do Pronera porque eu me arrependo muito de não ter estudado. Eu devia ter estudado! Aí, hoje, eu resolvi voltar a estudar. Tinha vontade antes, só que não tinha oportunidade direito. É que no campo é mais difícil. Dependia dos meus pais, também. Mas eu **não culpo só meus pais**, porque na época eu era criança e, como se diz, **eu devia ter tido mais força de vontade**.

Em outro trecho, Norberto cita o trabalho como condição limitadora da frequência à escola, porém, interpreta como falta de interesse. Entretanto, indagado se tinha escola no local onde morava, o entrevistado atribui sua dificuldade à necessidade de trabalhar, associada à distância da escola:

Eu entrei na escola com doze anos de idade, mas só que (...) a gente morava na fazenda. (...) não era fácil pra estudar. Também, eu ajudava muito meu pai, aí **não me interessei** pra estudar.

Não tinha escola na fazenda onde eu morava, mas em outras fazendas tinha. Agora ficava longe, de 4 a 5 Km. Aí ficava muito difícil. Na época, o filho do administrador e outros camaradas de lá iam (para a escola), mas facilitavam muito as coisas pra eles... Eles também não trabalhavam (...) **já eu trabalhava o dia todo**.

Mariana (37 anos), que frequentou uma classe do Mobral⁴, mas não aprendeu nem a assinar o nome, atribui o abandono à indisciplina e falta de atenção:

Eu saí do Mobral porque eu era muito danada! Eu **não queria obedecer à professora e bagunçava** na sala. (...) implicando com ela (...) eu não **dava atenção** quando a professora falava, eu não ligava, só dava pra rir.

Poucos entrevistados atribuem o abandono da escola a questões pedagógicas. Porém, alguns deixam transparecer essa visão, ainda que de forma precária.

⁴ Movimento Brasileiro de Alfabetização, criado pelo governo militar em 1967 e extinto em 1985.

A fala de Mário (34 anos), mostra que além dele atribuir o abandono da escola e a não aprendizagem às práticas de ensino, revela a ideologia do mérito, característica da escola tradicional. Ao mesmo tempo em que afirma que o aluno pobre estudando *vai ser doutor*, a escola o leva a responsabilizar-se, individualmente, pelo seu sucesso ou fracasso escolar:

P- Por que o senhor saiu da escola na infância ?

R- Porque a professora (...) não ensinava direito.

P- Como a professora ensinava?

R- Ela botava a palmatória e quando a gente não estudava, ela botava a gente de castigo. Eu nunca aprendi.

P- O senhor lembra de mais alguma coisa dessa escola?

R- Ah! Ela dizia que se a gente estudasse, ia ser doutor, engenheiro.

Em síntese, os depoimentos revelam que, embora os camponeses apontem questões relacionadas às suas condições de vida e às práticas escolares, como fatores limitadores da escolarização, acabam atribuindo o *abandono* da escola a si próprios.

Esse pensamento contraditório nos leva a inferir que os entrevistados percebem que suas condições de vida e as práticas escolares dificultam sua permanência na escola e comprometem sua aprendizagem, porém, a força ideológica do modelo tradicional e conservador de escola suplanta essa consciência precária. Prevalece a visão de que compete à escola oferecer-lhes o ensino e a eles cabe *se esforçarem* para frequentá-la e aprenderem, graças a seu interesse, força de vontade, atenção e disciplina, independentemente de outras condições necessárias à permanência e ao sucesso escolar.

Aprender é muito *difícil e doloroso*

A análise dos depoimentos revela que a visão da maioria dos entrevistados sobre a aprendizagem escolar é de um processo muito difícil e doloroso, que exige muito esforço e sacrifício do aluno.

O sofrimento aparece como uma característica inerente ao processo de aprendizagem formal, impossível de ser mudada. É uma qualidade tão naturalizada que, diante da necessidade de conhecimentos, especialmente da leitura e da escrita para os analfabetos, só lhes resta submeterem-se resignadamente à *fatalidade do sofrimento*.

Nas falas, o sofrimento se manifesta, geralmente, na forma de *dor de cabeça, quebra-de-cabeça e agonia*. Se Expressa na *incapacidade de entender, compreender e aprender*:

A gente tem que entrar na escola pra estudar mesmo! Tem que **suar (...), quebrar a cabeça!** Tem que **sofrer!** Não tem que **desistir não, porque a gente precisa.** (Josué, 31 anos).

Eu não gostava muito era quando a professora insistia pra gente aprender uma parte (...) aí **doía minha cabeça.** (...) mas **acredito que isso faz parte da escola** (Norberto, 31 anos).

Eu queria aprender a ler, mas a **minha cabeça dói muito! Mas eu quero aprender...** (Mariana, 37 anos).

Senti dificuldade pra aprender porque é um **quebra de cabeça (...)** o caba **sofre pra poder entender!** (Jairo, 16 anos).

As idéias pedagógicas de Paulo Freire (1979; 1981; 1996) e de Gramsci (1976), que concebem a educação numa perspectiva crítica, transformadora, nos ajudam na busca de compreender a visão dos camponeses sobre suas “dificuldades de aprendizagem”.

Paulo Freire, cujas idéias se contrapõem ao modelo pedagógico tradicional conservador, considera o ato de estudar um trabalho difícil, que requer uma disciplina apropriada. Em uma de suas obras, o autor afirma: “Estudar é, realmente, um trabalho difícil. Exige de quem o faz uma postura crítica sistemática. Exige uma disciplina intelectual que não se ganha a não ser praticando-a.” (Freire, 1979, p. 9).

Assim, entendemos que a escola precisa empenhar-se para que o educando desenvolva essa disciplina intelectual, a qual requer, também, uma aprendizagem.

Gramsci, em período anterior à Freire, opondo-se a uma reforma educacional de inspiração fascista na Itália⁵, defende um projeto de escola que garanta a apropriação de conhecimentos e habilidades, na perspectiva da emancipação das massas trabalhadoras.

Neste sentido, considerando que as condições de vida e trabalho de operários e camponeses, no modelo capitalista de produção, não favorecem a atividade escolar, Gramsci afirma a necessidade de se reconhecer que o estudo é um trabalho cansativo. Exige uma aprendizagem especial, com a qual os trabalhadores manuais não foram habituados:

... el estudio también es un oficio, y muy cansado, con un aprendizaje especial, además de intelectual, también muscular-nervioso: es un proceso de adaptación, es un hábito adquirido con el esfuerzo, el aburrimiento y también el sufrimiento. (Gramsci, 1976, p. 203.)⁶

⁵ Reforma Gentile de 1923.

⁶ “... o estudo também é um trabalho, e muito cansativo, com uma aprendizagem especial, além de intelectual, também muscular-nervosa: é um processo de adaptação, é um hábito adquirido com esforço, aborrecimento e também sofrimento.” Tradução da autora.

As idéias dos autores citados nos credenciam a afirmar que o modelo de escola tradicional e conservador⁷, cujas práticas pedagógicas não reconhecem, ou subestimam, a manifestação dos educandos sobre o caráter *difícil e doloroso* do processo de estudar, contribui para seu insucesso escolar dos educandos das camadas populares.

Entretanto, entendendo que a realidade extrapola os limites da escola e que a capacidade de aprender do ser humano é ilimitada, apesar da “educação bancária”, conforme afirma Paulo Freire (1997), constata-se, neste estudo, que os camponeses resistem em se convencer da *incapacidade cognitiva* que a escola insiste em atribuir-lhes, provavelmente, justificando sua incapacidade pedagógica.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Maria do Rosário de Fátima de. *O outro lado do aprender: representações sociais da escrita no semi-árido norte-riograndense*. Natal, 1997. 264 p. Tese (Doutorado em Educação) – Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

FREIRE, Paulo. *Ação cultural para a liberdade e outros escritos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.

GRAMSCI, Antonio. *La alternativa pedagógica*. Barcelona: Editora Nova Terra, 1976.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. Analfabetos na sociedade letrada: diferenças culturais e modos de pensamento. *Travessia – Revista do Migrante*. Rio de Janeiro, n. 12, p. 17-20, 1992.

RIBEIRO, Vera Maria Masagão. *Alfabetismo e atitudes: pesquisa com jovens e adultos*. Campinas: Papyrus; São Paulo: Ação Educativa, 1999.

SÁ, Maria Reneude de. *Conhecimento letrado e escolarização: a visão de camponeses assentados da reforma agrária em Alagoas*. São Paulo, 2002. Dissertação (Mestrado em Educação: Currículo) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

TFOUNI, Leda Verdiani. *Adultos não alfabetizados: o avesso do avesso*. Campinas: Pontes Editora, 1988.

WHITAKER, Dulce Consuelo A. O rural-urbano e a escola brasileira (ensaio de interpretação sociológica). *Travessia – Revista do Migrante*, Rio de Janeiro, n. 12, p.30-35, jan./abr.1992.

⁷ Modelo que instaurou a educação escolar no Brasil e que ainda prevalece, especialmente, em processos mais precários de escolarização de jovens e adultos.